RODA DE COCO “TEBEI”: RESISTÊNCIA CULTURAL E IDENTIDADE SERTANEJA

COCO DE TEBEI: CULTURAL RESISTANCE AND SERTANEJO IDENTITY

Edvânia Gomes de Araújo Silva
Profissional independente, Caraibeiras, Tacaratu – Pernambuco – Brasil
ORCID: 0009-0000-1634-2982 | E-mail: gomesedvania27@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Roda de Coco “Tebei” é uma manifestação cultural tradicional da comunidade de Olho D’Água do Bruno, situada no município de Tacaratu, no Sertão de Pernambuco. Sua singularidade está na maneira como articula canto, dança e produção rítmica corporal, sem depender de instrumentos musicais convencionais. As vozes, as palmas e, sobretudo, a pisada dos dançadores formam uma composição sonora na qual o corpo e o chão ocupam lugar central. Cantado tradicionalmente por mulheres e dançado em pares, o Tebei constitui uma expressão da cultura popular cuja continuidade está relacionada à memória e à participação da própria comunidade.

A história da manifestação é associada aos mutirões comunitários realizados para construir casas de taipa. Conforme os relatos e registros reunidos na bibliografia consultada, depois que o piso era preparado com barro e areia, os moradores se organizavam para pisar o chão de maneira ritmada, contribuindo para sua compactação. Enquanto os pares dançavam e marcavam o ritmo com os pés, as mulheres conduziam cantos e versos ligados ao cotidiano e ao trabalho. Nesse contexto, a atividade prática e a expressão cultural não estavam separadas: o trabalho coletivo também se tornava ocasião de encontro, canto, movimento e fortalecimento dos vínculos comunitários.

A permanência do Tebei mesmo após a substituição gradual das casas de taipa por construções de alvenaria demonstra que as práticas culturais podem adquirir novos sentidos sem perder sua relação com a memória de origem. A pisada, antes ligada também à preparação do piso, passou a ser reconhecida como elemento constitutivo da manifestação. O costume mantém viva uma narrativa sobre o modo de vida da comunidade e sobre as formas de cooperação que contribuíram para a construção das moradias e das relações sociais.

A relevância do tema está, portanto, em compreender a cultura popular para além de uma apresentação artística. O Tebei reúne conhecimentos transmitidos entre gerações, modos de organização coletiva, repertórios de canto, gestos corporais e lembranças de experiências de trabalho. Estudar essa prática permite discutir como comunidades do Sertão produzem e

preservam referências culturais próprias, inclusive diante das transformações econômicas, sociais e materiais que alteram o cotidiano.

Este trabalho tem como objetivo analisar a Roda de Coco “Tebei” como manifestação de resistência cultural, memória coletiva e identidade sertaneja, destacando suas características estéticas, históricas e sociais e sua relevância para a preservação das tradições de Olho D’Água do Bruno e de Tacaratu. De modo específico, busca-se descrever a relação entre a dança e os mutirões de construção de casas de taipa; discutir o papel do canto, da pisada e da organização em pares; e refletir sobre a transmissão intergeracional e a documentação cultural como formas complementares de continuidade da tradição.

A abordagem adotada é qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada em levantamento bibliográfico e documental. Foram considerados estudos sobre cultura popular e identidade, publicações referentes ao Coco de Tebei, registros institucionais e materiais audiovisuais relacionados ao grupo. A discussão organiza-se em torno de quatro eixos: cultura e patrimônio imaterial; memória do trabalho comunitário; corpo, canto e performance; e continuidade, visibilidade e salvaguarda. Por se tratar de pesquisa bibliográfica e documental, o artigo não apresenta resultados de entrevistas ou observação de campo realizadas pela autora; as interpretações são limitadas ao material consultado.

2 METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. A abordagem qualitativa é adequada ao objetivo de interpretar significados sociais e culturais atribuídos a uma manifestação tradicional, considerando seus vínculos com a memória, a identidade e as formas de organização comunitária. O caráter exploratório decorre da intenção de reunir e organizar informações sobre as características do Tebei e sua trajetória, enquanto o caráter descritivo se expressa na apresentação de seus elementos recorrentes, como a roda, o canto conduzido por mulheres, a dança em pares e a marcação rítmica realizada pelos pés.

Os procedimentos metodológicos consistiram em levantamento bibliográfico e consulta documental. Foram consideradas obras de referência sobre cultura e folclore, estudos acadêmicos dedicados ao Coco de Tebei e materiais institucionais que registram sua origem e sua continuidade na comunidade de Olho D’Água do Bruno. Também foi utilizado como fonte documental o registro fonográfico e audiovisual “Eu tiro o couro do dançador”, lançado em 2008, mencionado na literatura consultada como instrumento de documentação e difusão da manifestação.

A seleção das fontes orientou-se por sua relação direta com o objeto de estudo: a contextualização da cultura popular e da identidade nacional; a descrição histórica da prática; a análise do sapateado e da relação entre corpo, chão e performance; e o registro da permanência do grupo no contexto cultural pernambucano. A leitura foi realizada de modo interpretativo, buscando identificar convergências entre as fontes e agrupar as informações em categorias analíticas. Essas categorias foram: (a) origem e memória do trabalho coletivo; (b) organização sonora e corporal da dança; (c) sociabilidade e transmissão de saberes; e (d) visibilidade pública e salvaguarda.

A análise não pretende reconstruir uma cronologia completa da manifestação nem afirmar que todos os aspectos de sua prática atual permanecem idênticos aos de sua origem. As fontes permitem reconhecer uma narrativa comunitária associada aos mutirões de construção de casas de taipa, mas não fornecem, por si só, dados suficientes para estabelecer uma data exata de surgimento ou mensurar a frequência atual da prática. Por essa razão, as informações históricas são apresentadas como registros e memórias documentados pela bibliografia, evitando transformar associações narrativas em afirmações absolutas.

Por não envolver coleta direta de dados com participantes, aplicação de questionários ou intervenção, o estudo se limita à análise de fontes bibliográficas, documentais e audiovisuais disponíveis. Não foram produzidos dados empíricos próprios, nem foram realizadas entrevistas pela autora para este artigo. Também não se inserem imagens de terceiros no corpo do trabalho, o que evita questões adicionais de autorização de uso. Uma investigação futura com trabalho de campo poderá aprofundar as perspectivas dos integrantes, desde que sejam observados os procedimentos éticos aplicáveis e obtidas as autorizações necessárias.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Cultura popular, memória e identidade

A cultura popular pode ser compreendida como um conjunto dinâmico de práticas, saberes, símbolos e formas de expressão que são produzidos, partilhados e transformados por grupos sociais. Não se trata de um repertório imóvel ou isolado das mudanças históricas; pelo contrário, as manifestações culturais se mantêm por meio da participação das pessoas e da atualização de seus sentidos no cotidiano. Santos (2006), ao discutir o conceito de cultura, chama a atenção para sua relação com os modos de vida e com as formas pelas quais os

grupos atribuem sentido às próprias experiências. Essa perspectiva permite compreender o Tebei como prática que articula ação corporal, convivência e memória social.

A identidade cultural também não deve ser entendida como característica única e imutável. Ela se constrói por meio de referências compartilhadas, narrativas de pertencimento e práticas que permitem aos sujeitos reconhecer vínculos com um território e com uma história comum. Ortiz (2006), ao abordar a cultura brasileira e a identidade nacional, contribui para pensar a relação entre manifestações locais e processos mais amplos de representação cultural. No caso do Tebei, a identidade sertaneja não se resume à localização geográfica: ela é expressa nas memórias do trabalho, na relação com o chão, nos cantos, nos movimentos e nas formas de cooperação preservadas pela comunidade.

A memória coletiva é relevante porque permite que experiências de gerações anteriores permaneçam significativas para o presente. Os relatos sobre os mutirões de construção de casas de taipa não apenas explicam uma possível origem funcional da pisada; também transmitem valores associados à ajuda mútua, à participação e à convivência. Quando a prática é ensinada, narrada ou apresentada a novos públicos, não se transmite somente uma sequência de movimentos, mas uma maneira de contar a história da comunidade e de reafirmar seu pertencimento.

3.2 Patrimônio cultural imaterial e continuidade

O patrimônio cultural imaterial abrange conhecimentos, celebrações, práticas e formas de expressão que as comunidades reconhecem como parte de sua herança cultural. Diferentemente de um bem material, cuja preservação pode depender da conservação física de um objeto ou edifício, a continuidade de uma prática imaterial exige condições para que as pessoas possam realizá-la, ensiná-la e atribuir-lhe significado. O reconhecimento do Tebei como patrimônio cultural imaterial da comunidade, neste artigo, é empregado nesse sentido analítico e comunitário; não significa afirmar a existência de um registro oficial nacional específico.

A salvaguarda de uma manifestação cultural não se reduz à sua apresentação em festivais ou à produção de registros audiovisuais. Esses meios podem ampliar a visibilidade, documentar repertórios e aproximar a tradição de públicos distantes, mas a continuidade depende especialmente das pessoas que a praticam e transmitem. É necessário considerar o espaço comunitário, a participação das gerações mais novas, o reconhecimento dos detentores dos saberes e a possibilidade de que a prática mantenha sua relação com os sentidos que possui para a comunidade.

Cascudo (2012), em sua obra de referência sobre o folclore brasileiro, oferece um repertório importante para situar manifestações tradicionais no conjunto das expressões populares do país. Ainda assim, a descrição de uma prática não deve substituir a escuta de quem a mantém viva. No caso do Tebei, a bibliografia consultada destaca a memória dos integrantes e a associação entre a dança e os antigos adjutórios. Essa dimensão reforça a importância de tratar a comunidade não apenas como cenário da manifestação, mas como agente de sua continuidade e interpretação.

3.3 Corpo, canto, pisada e performance

Um dos aspectos mais distintivos do Coco de Tebei é a produção do ritmo sem instrumentos musicais convencionais. O corpo dos participantes assume a função de fonte sonora: as vozes conduzem os versos, as palmas participam da marcação e os pés produzem a pisada que organiza a dança. Essa combinação não deve ser entendida como ausência ou falta de acompanhamento musical, mas como uma organização própria da sonoridade, na qual movimento e som são inseparáveis.

Mattar e Souza (2023) analisam a dramaturgia do sapateado no Coco de Tebei e destacam a importância dos trupés, das pisadas e da relação entre o chão de barro e o palco. Essa perspectiva ajuda a compreender que o movimento dos pés não é mero acompanhamento do canto: ele constitui elemento expressivo da manifestação. A textura do som, o peso da pisada, a disposição dos dançadores e a relação com o espaço participam da construção da experiência cultural.

O canto conduzido por mulheres e a dança realizada em pares também evidenciam uma organização coletiva específica. A solista pode iniciar ou conduzir versos, enquanto os demais participantes respondem por meio do refrão e mantêm a continuidade do movimento. Essa alternância entre condução individual e resposta coletiva revela uma dinâmica na qual a expressão de uma pessoa se completa pela participação das demais. A roda e os pares não representam somente uma forma espacial; organizam relações de escuta, coordenação e pertencimento.

A mudança do contexto comunitário para o palco pode modificar aspectos da apresentação, como a disposição dos participantes, a amplificação das vozes, a duração e a relação com o público. Isso não significa necessariamente perda de autenticidade, mas evidencia que as manifestações se ajustam a diferentes situações. O desafio consiste em ampliar a circulação sem apagar os sentidos comunitários da prática ou reduzi-la a uma coreografia descontextualizada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A memória dos mutirões e a transformação do trabalho em expressão cultural

A análise das fontes consultadas aponta que a memória dos mutirões para construção de casas de taipa é central para compreender a singularidade do Tebei. Nessa narrativa, a pisada dos participantes estava ligada a uma necessidade concreta: compactar o piso preparado com barro e areia. A repetição rítmica dos movimentos contribuía para o trabalho e, ao mesmo tempo, criava uma situação de convivência marcada pelo canto e pela cooperação. A dimensão funcional e a dimensão cultural, portanto, não aparecem como etapas completamente separadas, mas como aspectos de uma mesma experiência coletiva.

A permanência da dança depois que as casas de taipa deixaram de ser a forma predominante de construção revela um processo de transformação de sentido. O que antes estava ligado diretamente a uma tarefa doméstica e comunitária continua a existir como prática cultural, lembrança e performance. Esse deslocamento permite observar como uma comunidade pode preservar a memória de uma atividade mesmo quando as condições materiais que lhe deram origem se modificam. A tradição não precisa permanecer idêntica em todas as circunstâncias para continuar significativa; sua continuidade se sustenta também pela capacidade de narrar e atualizar a própria história.

Essa relação entre trabalho e cultura impede que o Tebei seja interpretado somente como entretenimento. A manifestação guarda referências sobre a organização da vida coletiva, sobre a colaboração entre vizinhos e sobre os conhecimentos necessários para construir moradias em determinado contexto. O canto e a pisada registram, simbolicamente, a ligação entre os corpos e o território. Assim, a dança funciona como forma de memória incorporada, pois a história não é transmitida apenas por palavras, mas também por gestos, ritmos e modos de ocupar o espaço.

4.2 A singularidade sonora e a organização da dança

As fontes descrevem o Tebei como manifestação sem instrumentos musicais convencionais, cuja base rítmica é formada pelas vozes, palmas e pisadas. Essa característica contribui para sua diferenciação em relação a outras expressões de coco que utilizam instrumentos de percussão. A ausência de instrumentos, contudo, não deve ser confundida com simplicidade musical. A produção sonora depende da coordenação entre participantes, da regularidade dos passos, da intensidade do movimento e da relação entre quem conduz o canto e quem responde coletivamente.

O canto e a dança organizam-se de forma integrada. Os versos remetem ao cotidiano e às experiências sociais, enquanto os pares realizam movimentos que acompanham a estrutura rítmica. A pisada tem função estética e relacional: marca o tempo, dá materialidade ao ritmo e conecta os dançadores ao chão. A sonoridade resultante é inseparável do esforço corporal e da presença coletiva. Essa integração confirma a relevância de estudar a manifestação como um sistema de expressão em que canto, dança e ritmo se constituem mutuamente.

A contribuição de Mattar e Souza (2023) amplia essa leitura ao examinar a dramaturgia do sapateado e a passagem do chão de barro ao palco. O deslocamento para apresentações públicas pode reorganizar a disposição espacial e a comunicação com o público, mas mantém a pisada como componente expressivo. A circulação também cria oportunidades para que pessoas de outros lugares conheçam a tradição. Ao mesmo tempo, recomenda-se que a documentação e a apresentação pública contextualizem a origem comunitária e reconheçam os integrantes como responsáveis pelos saberes compartilhados.

4.3 Sociabilidade, transmissão intergeracional e pertencimento

Outro resultado da análise é a centralidade das relações comunitárias para a continuidade do Tebei. Os registros consultados mencionam a transmissão entre gerações e a lembrança de avós e bisavós como parte da história contada pelos integrantes. Essa referência evidencia que a tradição não se limita à execução de passos: ela se mantém por meio de narrativas familiares, participação em atividades coletivas e reconhecimento de pessoas que desempenham papel importante na preservação dos cantos e movimentos.

A participação coletiva contribui para fortalecer vínculos sociais, pois a dança exige escuta, coordenação e atenção ao conjunto. A condução do canto por uma solista e a resposta coletiva criam uma dinâmica de cooperação, enquanto a dança em pares exige ajuste recíproco dos movimentos. A prática, assim, oferece uma situação concreta de convivência em que a memória cultural é compartilhada e renovada. O pertencimento não se manifesta somente no discurso sobre a origem, mas também na participação efetiva na brincadeira.

A valorização do Tebei também permite reconhecer os saberes populares como formas legítimas de conhecimento. Técnicas de movimento, modos de cantar, formas de organizar uma roda e narrativas sobre o trabalho são aprendidos em contextos sociais e transmitidos pela experiência. Esses conhecimentos nem sempre são registrados em documentos escritos, o que torna importante sua documentação respeitosa. Entretanto, o registro escrito ou audiovisual deve ser entendido como complemento, e não como substituto da prática viva e das relações entre seus participantes.

4.4 Registro, circulação e desafios de salvaguarda

A produção do CD/DVD “Eu tiro o couro do dançador”, em 2008, constitui um marco documental mencionado nas fontes utilizadas. O registro fonográfico e audiovisual contribui para preservar repertórios, registrar imagens da prática e ampliar a possibilidade de acesso por pessoas que não vivem em Tacaratu. A circulação do grupo em eventos culturais, por sua vez, pode favorecer o reconhecimento da manifestação no cenário pernambucano e nacional.

Os registros, porém, não esgotam a complexidade de uma tradição. Um vídeo documenta determinado momento, espaço e configuração da apresentação, mas não representa todas as formas pelas quais o Tebei é praticado ou compreendido. A experiência comunitária inclui relações cotidianas, histórias familiares e sentidos que podem não ser inteiramente captados pela câmera. Por isso, a documentação deve ser acompanhada de informações contextuais, atribuição correta de autoria e respeito às escolhas dos detentores da manifestação sobre como seus saberes são divulgados.

A salvaguarda exige ações articuladas: valorização da comunidade, oportunidades de transmissão entre gerações, registros feitos com participação dos integrantes e iniciativas educativas que apresentem a tradição sem estereótipos. Também é importante evitar a ideia de que a cultura popular é algo parado no passado. O Tebei continua significativo justamente porque pode circular, ser apresentado a novos públicos e permanecer conectado às pessoas e ao território que o sustentam.

Como limite desta pesquisa, destaca-se a dependência de fontes bibliográficas e documentais, sem observação de campo própria. Assim, as conclusões dizem respeito à interpretação do material consultado e não permitem afirmar a situação atual de todos os integrantes, a frequência das apresentações ou o grau de participação das novas gerações. Estudos futuros poderão aprofundar esses aspectos por meio de entrevistas, observação participante e análise de repertórios, desde que os procedimentos sejam realizados com consentimento e respeito às formas locais de transmissão do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou a Roda de Coco “Tebei” como manifestação cultural representativa da resistência e da identidade sertaneja na comunidade de Olho D’Água do Bruno, em Tacaratu, Pernambuco. A análise bibliográfica e documental permitiu observar que a prática reúne dimensões históricas, sociais, corporais e simbólicas, ultrapassando o caráter exclusivamente artístico ou festivo. Sua singularidade sonora, baseada no canto, nas palmas e

na pisada, expressa uma forma própria de articulação entre corpo, ritmo, espaço e participação coletiva.

A associação histórica da dança aos mutirões de construção de casas de taipa evidencia a integração entre trabalho, solidariedade e criação cultural. A transformação de uma atividade ligada à compactação do piso em manifestação cultural mostra como experiências cotidianas podem ser reelaboradas e preservadas como memória coletiva. Mesmo diante de mudanças nas formas de moradia e nas condições de vida, a narrativa sobre os mutirões continua a oferecer referências para compreender a origem e o sentido comunitário do Tebei.

Também se destacou a importância da transmissão intergeracional e da participação dos integrantes na manutenção da tradição. A continuidade não depende apenas de registros ou apresentações externas, mas do compartilhamento dos cantos, movimentos, narrativas e modos de convivência. O CD/DVD lançado em 2008 e a circulação do grupo ampliam a visibilidade e constituem instrumentos complementares de documentação, mas não substituem o protagonismo da comunidade na preservação de seus saberes.

Conclui-se que o Tebei pode ser compreendido como expressão de resistência cultural porque reafirma uma história local e valoriza conhecimentos que nem sempre ocupam lugar central nos discursos oficiais sobre cultura. Essa compreensão não implica atribuir à manifestação um reconhecimento oficial não comprovado, mas reconhecer sua relevância como patrimônio vivo para a comunidade que a pratica. Sua valorização exige iniciativas respeitosas de pesquisa, documentação, educação patrimonial e apoio às condições de transmissão cultural.

Como perspectiva, recomenda-se a realização de pesquisas de campo que registrem, com autorização dos participantes, as narrativas dos integrantes, as formas atuais de organização da dança e as experiências de transmissão entre gerações. Tais estudos poderão complementar o levantamento documental aqui realizado e contribuir para políticas e ações de salvaguarda construídas em diálogo com a comunidade. Preservar o Tebei significa, acima de tudo, garantir que seus praticantes continuem tendo espaço para cantar, dançar, contar sua história e decidir como desejam compartilhá-la.

PALAVRAS-CHAVE

Roda de coco. Tebei. Patrimônio cultural imaterial. Tradição popular. Identidade sertaneja.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à comunidade de Olho D'Água do Bruno e aos integrantes e detentores dos saberes do Coco de Tebei, cuja trajetória e memória constituem a base cultural das fontes discutidas neste estudo. Este agradecimento não implica a realização de entrevistas ou coleta direta de dados para o presente artigo.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

COCO DE TEBEI. Eu tiro o couro do dançador. Recife: Sambada Comunicação e Cultura, 2008. 1 CD e 1 DVD.

MATTAR, Ana Beatriz Magalhães; SOUZA, Marco Aurélio da Cruz. Do barro ao palco: a dramaturgia do sapateado no Coco de Tebei. Revista Brasileira de Estudos em Dança, v. 2, n. 4, p. 80-94, 2023. DOI: https://doi.org/10.58786/rbed.2023.v2.n4.62338. Disponível em: https://www.revistas.ufrj.br/index.php/rbed/article/view/62338. Acesso em: 28 out. 2026.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura. Governo de Pernambuco anuncia vencedores do 3º Prêmio Ariano Suassuna de Cultura Popular e Dramaturgia. Recife, 2018.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.